

## Beija-homem

*Por Rivaldo Soares*

O carnaval é a melhor ocasião para beijar bocas. O máximo de bocas que puder. Nessa época do ano, costume estar com o coração e corpo inteiramente disponíveis para todas as interações que duas pessoas ou mais podem vivenciar juntas. A música, os confetes, as fantasias e as drogas são apenas cenários para o animal que existe dentro de mim se libertar. A minha rédea termina onde o prazer alcança.

Boto uma camisa colorida e compro bebidas baratas para me perder entre os corpos alegres e vibrantes que desfilam em multidões pelas ruas. Eu sou louco por aquele cheiro de gente, de suor mesmo, e da vida que transborda de cada folião. A gente é tão limpinho no dia a dia, tão cheio de perfumes e desodorantes, tão domesticado, que o cheiro forte da pele, das axilas pingando, nos faz recordar o primitivo e o verdadeiro que habita cada um de nós. É tipo o paraíso quando Deus decide tirar férias. Mas o pão e o vinho nunca faltam. Eu me misturo nesses odores até os meus pensamentos deixarem de me guiar e assim me transformar num amálgama de êxtase e carne, que pula, ama e se apaixona num fluxo contínuo de viver-morrer as emoções. Nada sobrevive mais que instantes.

Meus pés nunca param no chão, ao mesmo tempo em que meus olhos procuram incessantemente novas conexões. Quando o encontro se estabelece, me embebedo do outro com tamanho desespero como se tivesse encontrado um oásis num deserto. Que depois de um gole d'água logo evapora. Que desaparece e nada mais tem a oferecer. Já tive vontade de ser movido por esse motor constantemente, por essa sede insaciável, mas a angústia e a necessidade de sossego também me perturbam.

Aí o rapaz e eu nos lambuzamos de saliva. Com uma mão eu seguro o seu sexo duro e com a outra não deixo a latinha cair. O salgado do seu pescoço se mistura com o meu hálito de álcool e de tantas outras gentes. Seguro a vontade de gozar, pois a festa é longa. É sempre do mesmo jeito. Depois de sugar tudo que o cativo pode oferecer, me enlaço rapidamente em outra boca solitária. Sou um beija-homem nativo do carnaval.



A batida do funk e do axé retumbam dentro de mim. Eu me sinto a própria caixa de som do bloquinho. O eixo que sustenta tudo. O próprio mundo. Tenho a sensação de que se eu parar, tudo para junto comigo. O que é uma grande mentira, eu sei. Só que alguma coisa dentro de mim me faz acreditar que isso é real. Talvez seja uma espécie de fé. E é por meio dela que consigo me entregar a esses devaneios e viver outros sentidos que passam longe da esfera da razão.

O cortejo do último bloquinho costuma me deixar melancólico. A maioria das pessoas começa a tomar ônibus e metrô pra casa, meio cambaleando, meio nem aqui nem ali. Outros esticam o festejo em bares e nos becos escuros. Eu fico tão moído e fora de órbita que não sinto sequer as minhas pernas. Sinto nada. Eu me deixo em tantos corpos que demora um tempão para me recompor de novo. A noção do “eu” vira apenas uma vaga lembrança. Só quero dormir.

Dormir até o próximo carnaval.

